



Universidades Lusíada

Carvalho, José Eduardo dos Santos Soares, 1939-

Recensão

<http://hdl.handle.net/11067/5285>

<https://doi.org/10.34628/8rfh-wy36>

Metadados

Data de Publicação	2006
Palavras Chave	Jappe, Anselm, 1962 - Crítica e interpretação, Produtos comerciais, Globalização - Aspectos económicos
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCEE] LEE, n. 06 (2006)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T12:16:54Z com informação proveniente do Repositório

RECENSÃO

ANSELM JAPPE, *As Aventuras da Mercadoria – para uma nova crítica do valor*, Antígona. 2006.

A tese central deste livro, cujo autor apresentei sumariamente na *Nota de Abertura*, caracteriza a história da sociedade assente sobre a mercadoria, estabelece ligações com a antropologia cultural e discute alternativas possíveis à sociedade mercantil que suporta o sistema capitalista.

O livro não tem a pretensão de apresentar descobertas inéditas. A atitude do autor é sobretudo interrogativa. Que significado tem o facto de uma sociedade se basear na mercadoria? O que é uma “mercadoria”? O autor revê a teoria de Marx que considera a mercadoria a “célula germinal” de todas as sociedades modernas, mas que não representa contudo nada de “natural”. Que a mercadoria, em virtude da sua estrutura básica, torna impossível a existência de sociedades conscientes. Que a mercadoria contém uma dinâmica interna que só pode levar a uma crise final.

O autor não tem um pensamento catastrófico sobre o capitalismo suportado na mercadoria. Não o trata como um processo apocalíptico. Não pretende regressar a uma qualquer ortodoxia marxista, restabelecendo a pureza da doutrina originária, como também não rever a teoria de Marx para a adaptar ao mundo contemporâneo. Jappe apenas considera que o sistema está hoje muito mais em crise do que nos anos 70. A crise não é uma interrupção temporária que vem perturbar o funcionamento “normal” do capitalismo. A crise constitui antes a verdade do capitalismo.

No “conceito”, na “forma elementar” do capitalismo não está apenas contido o facto de o capitalismo ser “louco” – refere o autor. Está também o facto de ele só poder evoluir através de fricções contínuas para acabar finalmente por se desmoronar sob o peso da sua própria lógica, ou melhor, da sua não lógica. No fundo – como refere – todas as crises do capitalismo são causadas pela ausência de uma comunidade, de uma unidade social.

Diz o autor que, à medida que se foi esgotando o mecanismo que compensava a diminuição da produtividade de valor através da ampliação da produção, o financiamento por via do crédito mudou de natureza. Agora – diz o autor – o recurso ao crédito serve para estimular uma acumulação inexistente e para prolongar artificialmente a vida de um modo de produção que já está morto. Somente uma quantidade muito pequena dessa liquidez circulante foi emitida directamente pelos Estados: a maior parte são acções, obrigações, créditos, valores imobiliários, “dinheiro electrónico”, etc., o que contribui para tornar este processo completamente incontrolável.

Por isso, refere o autor que a produção verdadeira, a acumulação de capital *real*, perdeu importância face à acumulação de capital *fictício*, nas bolsas e

na especulação imobiliária. Ou seja, hoje, a produção real é um apêndice do capital fictício. O conceito de *capital fictício* designa o capital baseado exclusivamente na especulação e na expectativa de ganhos futuros; logo que alguém exija o pagamento real das dívidas, a “bolha” não poderá deixar de rebentar com falências em cadeia. Quer isto dizer que os movimentos vertiginosos registados a partir de 1987 nos mercados bolsistas já nada têm a ver com as oscilações conjunturais daquilo que resta da economia real. Os ganhos realizados com operações financeiras puramente especulativas tornaram-se um elemento indispensável nas finanças das empresas, dos estados e dos privados. Neste quadro, o famoso endividamento do terceiro mundo não é senão uma pequena parte de todo o capital fictício. Já não são apenas as receitas do Estado, mas também as de toda a sociedade, que se encontram antecipadamente gastas.

Contudo, a perspectiva de Jappe é que os movimentos do dinheiro não são a *causa*, mas sim a *consequência* das perturbações na economia real. Esta não progrediria melhor se fossem abolidos os excessos especulativos, como defendem George Soros ou Ignácio Ramonet. A economia deixaria simplesmente de funcionar logo que lhe fossem retiradas as muletas da especulação.

Por outro lado, diferentemente do que pensaram os vencedores, o desmorroneamento dos países de Leste não significou a vitória definitiva do capitalismo ocidental. Pelo contrário, essa derrocada constituiu uma nova etapa na crise mundial da sociedade mercantil. Diz o autor que se rompeu mais um elo da cadeia. Uma economia mundial baseada na concorrência produz necessariamente os que ganham e os que perdem; a distância que separa uns e outros rapidamente se torna intransponível quando cada nova invenção tecnológica só traz vantagens àqueles que podem permitir-se comprá-la e introduzi-la.

Lembra o autor que, durante o período de prosperidade *fordista*, o crescimento dos mercados mundiais chegou mesmo a dar aos países “em vias de desenvolvimento” oportunidade para encontrarem alguns nichos para os seus produtos, acreditando assim que era possível recuperar do seu atraso. Mas, a crise que começou nos anos setenta dissipou tais ilusões. Uns após outros, esses países voltaram a cair para os níveis anteriores de desenvolvimento.

Explica o autor, que numa economia mundial baseada no valor e na concorrência, a maioria é sempre constituída pelos que perdem. Portanto, não admira que, depois de ter liquidado as esperanças do terceiro mundo, a concorrência canibalizada, tenha avançado para os países do Leste. Mas, do mesmo modo, a esperança das populações desses países de alcançar a prosperidade, copiando o Ocidente, também se desfez. Essas populações descobriram que o capitalismo ocidental vai buscar o que quer a toda a parte e não tem nem força nem vontade para investir em larga escala nesses países; nem para acolher as mercadorias que eles produzem ou a sua força de trabalho.

Segundo Jappe, o capitalismo atinge o seu próprio limite, na medida em que, para sobreviver, ele mesmo serra o ramo de árvore sobre o qual está sentado – o trabalho. O dispêndio individual de força de trabalho é cada vez

menos o factor principal da produção. Por isso, o sistema é hoje obrigado, mais do que antes, a procurar subterfúgios para fazer coincidir momentaneamente a circulação e a produção, suspendendo praticamente a *lei do valor*. Há uma fuga para a frente cada vez mais desesperada. A fuga faz-se indirectamente por intermédio do capital *fictício*, ou seja, pela automatização dos mercados bolsistas e da especulação.

Na perspectiva do autor, o pior mal que o capitalismo faz aos homens já não é a *exploração*, mas sim a *expulsão*. Jappe explica que o estágio final do capitalismo não se caracteriza pela existência de um proletariado cada vez maior e cada vez mais revolucionário, conforme as teses de Marx. O estágio final do capitalismo caracteriza-se pela ausência de pessoas que valha a pena explorar. Hoje, um pequeno estrato de trabalhadores produtivos, frequentemente bem pagos, consegue, com o emprego extremamente elevado de capital fixo, produzir uma mais-valia muito maior do que aquela que produziriam grandes quantidades de trabalhadores com salários baixos.

A criação de mais-valia continua a existir estruturalmente no capitalismo, mas agora, exprimindo-se sobretudo no facto de uma parte crescente da humanidade ser expulsa do processo de produção. Ou seja, hoje em dia, há populações inteiras que já não são úteis para a lógica da valorização. A sociedade mercantil vai-se decompondo: por um lado, umas quantas ilhotas de bem-estar (muito relativo), rodeadas de arame farpado; do outro, o resto do mundo afundando-se, em diversos graus, em guerras de bandos pela disputa do pouco que ainda possa ter *valor*.

No fundo, há uma ideia que parece clara no pensamento do autor: já não há crítica do capitalismo que seja possível se não vier acompanhada pela crítica do trabalho. A crítica do trabalho já não é um luxo destinado apenas aos países ricos; é, pelo contrário, mais actual nas situações em que o trabalho já desapareceu ou nunca chegou a estar presente. Numa época em que ser explorado pelo capital passou a ser um privilégio reservado a uma minoria, a velha luta de classes em torno do problema do trabalho perdeu todo o sentido.

Mas, nem tudo é negativo no pensamento crítico de Jappe. Ele considera que a crítica e a abolição prática do "trabalho" são também a condição preliminar para se começar finalmente a ser *activo*. Para se começar a pôr em andamento os recursos e sair-se da *inactividade forçada* a que a sociedade do trabalho condena uma parte sempre crescente da humanidade. O capitalismo foi uma *exploração* dos recursos, agora é necessário organizar a *reapropriação* dos recursos.

Como nota final, chamo a atenção que, a par da posição crítica, o livro inclui, no final de cada capítulo, um conjunto de notas bem organizado que, do ponto de vista conceptual, aprofunda os desenvolvimentos contidos no texto principal.

José Eduardo Carvalho